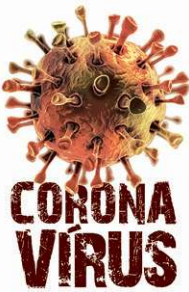


Farmacêutica testa um regime triplo de inoculação em crianças após ensaios iniciais indicarem que o regime tradicional não gera a proteção esperada contra o Sars-CoV-2. Quantidade da dose avaliada é um décimo da usada em adultos

Pfizer: até os 5 anos, duas doses não bastam



Desenvolvedoras da vacina contra a covid usada em crianças de diferentes países, Pfizer e BioNtech anunciaram que vão testar um regime de proteção diferente para aquelas com 6 meses a 5 anos. As empresas deram início a um ensaio clínico prevendo que esse público receba três doses do imunizante, e não duas, como estabelece o esquema tradicional. Isso porque os ensaios em andamento indicam que duas doses não são suficientes para proteger as pessoas dessa faixa etária.

O ensaio testa a eficácia de duas doses de 3 microgramas cada uma — equivalente a um décimo da utilizada em adultos — em crianças de 6 meses a 4 anos. Dados preliminares indicaram que, um mês após a segunda injeção, administrada com 21 dias de intervalo, crianças de 6 meses a 2 anos produziram resposta imunológica semelhante à de jovens com 16 a 25 anos. O mesmo efeito, porém, não foi observado na faixa de 2 a 4 anos.

Na tentativa de melhorar o nível de proteção, as empresas vão testar um esquema de dose tripla, com a última inoculação no mínimo dois meses depois da segunda. “Decidimos modificar cada um dos estudos pediátricos para incorporar uma terceira dose à série e buscar o licenciamento para uma série de três doses em vez de duas, como originalmente antecipado”, declarou, ontem, durante uma teleconferência para investidores, Kathrin Jansen, chefe de pesquisa de vacinas da Pfizer.

Segundo a farmacêutica, nos testes iniciais, não houve problemas de segurança, e a dose de 3 microgramas mostrou-se favorável. Por isso, não estão previstos ensaios com uma quantidade maior do imunizante. Se os testes forem bem-sucedidos, o pedido para o uso do regime triplo deverá ser enviado

à Food and Drug Administration (FDA, em inglês), órgão regulador de medicamentos e alimentos nos Estados Unidos, no primeiro semestre de 2022. Isso representa um atraso nos planos iniciais, pautado para a apresentação do pedido de autorização (com o regime de duas doses) ainda neste ano.

Reforços

As empresas também anunciaram que planejam avaliar um reforço de 10 microgramas no imunizante aplicado em crianças com 5 a 11 anos. É essa faixa etária que pode começar a ser atendida no Brasil. Há, porém, um embate quanto à adoção da medida. Na última quinta, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou o uso da vacina da Pfizer/BioNtech, o governo, porém, demonstra resistência e alega que vai analisar a decisão, sem citar um prazo para isso. O reforço também é cogitado em um estudo de uma terceira dose de 10 microgramas ou 30 microgramas em cerca de 600 adolescentes com 12 e 17 anos. Hoje, aplica-se 30 microgramas, como acontece com os adultos, mas a suspeita de ocorrência de casos raros de inflamação no coração, a miocardite, levou os desenvolvedores a testar um novo formato.

Em uma outra frente, Pfizer e BioNtech trabalham no desenvolvimento de uma nova versão da vacina para combater a variante ômicron, que tem se espalhado rapidamente pelos continentes. Os ensaios clínicos para avaliar a fórmula protetiva atualizada estão previstos para janeiro, mas o início depende de um convencimento de que a formulação atual não é suficiente para conter a nova cepa.

Segundo Mikael Dolsten, diretor científico da Pfizer, os estudos têm mostrado que, para todas as variantes do Sars-CoV-2, incluindo a ômicron, pessoas vacinadas com três doses podem ter um grau de proteção maior do que aquelas com duas. “Tudo que temos visto, até agora, ilustra o impacto de um reforço e que nossa vacina funciona melhor como um regime primário de três doses”, enfatizou durante o encontro para investidores.

JALAA MAREY / AFP



Fórmula desenvolvida com a BioNtech poderá sofrer ajustes para melhorar a eficácia contra a variante ômicron

OMS certifica mais uma vacina

A Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou, ontem, que certificou a vacina indiana contra o coronavírus Covovax. A fórmula é produzida pelo Instituto Serum da Índia, sob licença da Novovax, e faz parte do Covax Facility, o sistema internacional de distribuição de imunizantes contra a covid-19 coordenado pela agência das Nações Unidas. A expectativa é de que o fármaco ajude a impulsionar os esforços para proteger mais pessoas nos países de baixa renda.

“As vacinas continuam sendo um dos métodos mais eficazes de proteção

contra as formas graves e mortais causadas pelo Sars-CoV-2, apesar do surgimento de novas variantes”, enfatizou a diretora do Departamento de Acesso a Medicamentos da OMS, a brasileira Mariângela Simão. Segundo ela, a aprovação “deve facilitar o acesso às vacinas aos países pobres, dos quais 41 ainda não conseguiram vacinar 10% de sua população, enquanto 98% dos países ainda não chegaram a 40%”. A meta estabelecida pela OMS é de vacinar 40% da população em todos os países, até o final deste ano.

A Covovax tem uma tecnologia diferente das empregadas pelas vacinas já amplamente autorizadas no mundo. É um fármaco denominado subunitário, a base de proteínas que desencadeiam uma resposta imunológica, sem vírus. Ele requer aplicação de duas doses e pode ser armazenado em geladeiras convencionais. O comitê de especialistas de vacinação da OMS ainda deve apresentar detalhes sobre as faixas etárias para as quais a vacina é recomendada.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Segunda-feira, 13 A CURIOSA AVE CHINESA

Pesquisadores da Academia Chinesa de Ciências encontraram fósseis de um pássaro que conseguia colocar a língua para fora, uma característica rara em aves. Os ossos pertencentes ao Brevirostruavis macrohyoideus, que significa “pássaro com focinho curto e língua grande”, foram escavados no nordeste da China e têm uma idade estimada de 120 milhões

de anos. Por meio das análises, os cientistas constataram a presença de ossos longos e curvos na região da boca do animal. De acordo com os cientistas, que publicaram a descoberta na revista especializada *Journal of Anatomy*, o animal pode ter usado essa característica anatômica distinta para capturar insetos e também para se alimentar do pólen de flores.

Terça-feira, 14 CATÁSTROFES BILIONÁRIAS



BERND LAUTER

Estimativas iniciais feitas pela resseguradora Swiss Re indicam que os custos das catástrofes naturais em 2021 chegam a cerca de US\$ 250 bilhões, o que representa um acréscimo de 24% em relação a 2020. A fatura dessas catástrofes para as seguradoras está estimada em US\$ 105 bilhões, um aumento de 17% em relação ao ano anterior. Por meio de um comunicado, a Swiss Re assinala que este é o quarto ano mais oneroso para as seguradoras desde 1970, devido às despesas geradas por desastres naturais. A mais cara foi a tempestade Ida, que provocou inundações em Nova York. Nesse evento climático, o custo para as companhias de seguro variou de US\$ 30 bilhões a US\$ 32 bilhões. As enchentes de julho registradas na Alemanha (**foto**) e na Bélgica, assim como nos países vizinhos, foram a catástrofe mais custosa na Europa, gerando US\$ 40 bilhões em perdas econômicas e uma conta de US\$ 13 bilhões para as seguradoras.

Quarta-feira, 15 POLUIÇÃO PODE CRIAR NOVAS TOXINAS

Partículas químicas no ar podem se transformar em novas substâncias, potencialmente tóxicas e mais resistentes, mostra um estudo publicado na revista *Nature*. Os pesquisadores analisaram amostras de 18 metrópoles, incluindo São Paulo, Bogotá, Santiago, Buenos Aires, Lagos, Nova York e Tóquio. Os regulamentos internacionais determinam o grau de perigo dos produtos químicos com base em sua resistência, toxicidade e impacto nos seres vivos, porém, até agora, essa observação ignorou como essas partículas evoluem, se degradam e se tornam novos produtos. O chefe do estudo, o canadense John Liggio, analisou com sua equipe nove tipos de produtos não inflamáveis encontrados na atmosfera. A combinação deles e seu contato com oxidantes no ar resultou em 186 substâncias diferentes em laboratório. Eles podem ser até 10 vezes mais tóxicos do que as substâncias originais.

MILADEN ANTONOV



Quinta-feira, 16 PEIXE TROPICAL NO ÁRTICO

Num fenômeno que pode estar associado às mudanças climáticas, cientistas detectaram nas águas do Polo Ártico a presença do peixe tropical *Diretmichthys parini* (Parin's spinyfin, em inglês, e malcarado de Parin, em espanhol), da família Diretmidae. A espécie vive em profundidades entre 500 metros e 2.000 metros e se alimenta de plâncton. Veículos científicos dos países nórdicos mencionavam sua presença desde meados da década de 1990, mas o fenômeno parece ter-se acelerado nos últimos anos, segundo Pierre Cresson, do Instituto Francês de Pesquisa de Exploração Marítima (Ifremer, na sigla em francês). A última detecção foi feita em outubro passado, quando a imprensa norueguesa noticiou a captura de dois peixes em águas no limite do Círculo Polar. “Parece que esse peixe continua subindo, com o aquecimento da água”, relatou o pesquisador em uma mensagem de vídeo divulgada pelo Ifremer.